

# Ralph Waldo Emerson – A tempestade de neve

Propalada por todos os clarins do céu,  
Chega a neve e, movendo-se ao alto dos prados,  
Parece nada clarear: o ar em branco  
Encobre bosques e colinas, céu e rio,  
Dissimula a fazenda no fim do jardim.  
O piloto e o trenó pararam, os pés dele  
Lentos, amigos mudos, companheiros sentam-se  
Em torno da luzente lareira, fechados  
Num confuso refúgio fora da procela.  
Venha ver a alvenaria do vento norte.  
Provindo de pedreira sempre nunca vista  
Guarnecido com telhas, o feroz artífice  
Dobra seus brancos bastiões, tetos traçados  
Em volta de barlaventos, ou porta ou árvore.  
Lesto, mãos em miríades, seu fero obrar  
Tão fantástico e selvagem, nada lhe importa  
Seja número ou simetria. Zombeteiro,  
Em cesto ou canzil pendura volutas párias;  
Uma forma de cisne ataca o acúleo oculto:  
Toma a vida do lavrador de lado a lado,  
Apesar dos suspiros deste; e no portão  
Uma cônica torre sobreleva a faina.  
E quando suas horas são marcas e o mundo  
É todo dele, só, qual se não existisse,  
Deixa, quando aparece o sol, esta Arte atônita  
Para a mímica em lentas estruturas, pedra  
Sobre pedra, construída em certo período,  
O trabalho noturno do vento demente,  
A irreverente arquitetura dessa neve.

**Ralph Waldo Emerson, Grandes poetas da língua inglesa do  
século 19**